LUIZ CHAVES

LISBOA NO FOLCLORE

LISBOA
1939

CARVALHO DE PAPEL
LISBOA

Ao Dr. Mendes Correia
Lembrança amiga de
[illegible]
19/II/940

LISBOA NO FOLCLORE

COMO O POVO CANTA, COMO RIMA COM ELA
COMO VÊ E COMO SE RI POR CAUSA DELA

LISBOA
1939

SEPARATA DO N.º 5 DE OLISIPO

GR
235
C39 l

A Luiz Pastor de Macedo

...o de Lisboa

1096671

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/lisboanofolclore00chav

Quem nunca viu Lisboa,
Nunca viu coisa boa.

O folclore proporciona-nos aspectos curiosíssimos de psicologia popular. Por vezes desvenda problemas inesperados, e excita sugestões de interêsse espiritual.

¿Qual será a impressão que Lisboa produz nos portugueses do povo provinciano, tanto nos que a viram como nos restantes, os que nunca lhe poseram os «bentos olhos» em cima?

O inquérito directo não produziria o efeito desejado: frases, sentimentos de ocasião, daqueles pitorescamente designados de «fogos de vista», iluminura de simpatia ou antipatia por quem no repente do encontro formulasse as preguntas do inquérito.

Já o folclore nos orienta no assunto. O canto guia a expressão do sentimento. O povo pensa a rimar aforismos e a enquadrar cantigas, umas espontaneamente formadas, outras a seu modo espontaneamente repetidas, adaptadas, transplantadas em operação mental mais ou menos inconsciente.

As quadras, rápidas e bem vincadas, manifestam estados de alma em equilíbrio ou tensão. São gravuras psíquicas de desenho contornado, e mostram-se-nos como aguarela nìtidamente distribuída na frescura das côres e na fluidez das coisas.

Apontamentos de pensar, reverberações de sentir, surto de saüdades, quem canta, delinia a quadra, como qualquer de nós garatuja palavras a fixar ideias em canhenho de viagem. Dispersas por sua construção, por motivos criadores, por oportunidades de acção e de actuação, e espalhadas também por transporte a lugares mais ou menos longe daquele onde surgiram no momento próprio, revelam por isso mesmo as qualidades específicas.

Escreveu Silvio Romero que «o interêsse da poesia popular é todo ethnográphico e para êsse fim o mais apreciável são as variantes de um mesmo canto, porque são ellas que nos habilitam a conhecer como cada população modificou, adaptou ao seu meio a lição primitiva». Nesta espécie de inquérito ao pensamento popular, no referente a Lisboa, há destas adaptações; cantigas em que anda Lisboa, andam-lhes ligadas também outras terras, prêsas pela mesma necessidade activa de expressão de afecto. Mostram a um tempo unidade e difusão.

Em mais de quinze mil quadras, rebuscadas nos cancioneiros e colecções, como nos *Cantos populares portugueses* de Tomaz Pires (1), no *Cancioneiro popular português* de Teófilo Braga (2), nas *Tradições populares, linguagem e toponymia de Barcellos,* de A. Gomes Pereira (3), nas colecções das três dezenas de volumes da *Revista Lusitana*, desde o *Cancioneiro popular das Ilhas dos Açores,* de Teófilo Braga, logo nos primeiros, e onde não faltam as ricas contribuïções de Leite de Vasconcelos, o primeiro de todos, folclorista que o é cem por cento, as de Gomes Pereira, Fernando Barreiros, Monteiro do Amaral, A. C. Pires de Lima, etc. (4), em tôda essa multidão de quadras é pequeníssimo o número das que se referem a Lisboa.

Destas, verifiquemos que umas são variantes do mesmo pensamento, outras designam Lisboa onde aparecem também nomes de mais terras em vez do dela; há-as ainda simples reflexos de quadra de outro

---

(1) 4 volumes com 10.000 quadras.

(2) 2.ª ed. Lisboa 1911.

(3) Esposende, 1916.

(4) Se pretendesse formar bibliografia, que em verdade é preciso e urgente

sentido, ou com paralelismo de terras para orgulho de uma, e de menção de algumas por simplista variação geográfica do pensamento do cantor.

De forma que reduzida minoria aparece com original aplicação a Lisboa. Nas dez mil quadras dos *Cantos populares* de Tomaz Pires não há mais de sessenta que fazem alusão à Cidade: ainda oito destas têm referência indirecta, pois falam de S.to António de Lisboa. Trinta e quatro provêm do Alentejo, isto é mais de metade. De Trás-os-Montes é uma, do Minho outra e duas do Algarve. Quere dizer: quem mais conhece Lisboa, que mais não seja de nome, é o Alentejo; quem mais a desconhece são os Trasmontanos, Minhotos e Algarvios. A Beira-Alta, não figura, a Beira-Baixa tem na colectânea duas quadras. (1)

O fenómeno, para êstes, explica-se pelo afastamento da influência directa de Lisboa. No cancioneiro de Vila Real, publicado por Gomes Pereira na *Revista Lusitana*, em mil cento e setenta e cinco quadras aparecem dezassete alusivas ao Pôrto e só três a Lisboa. Em oitocentas e setenta de Argoselo (Vimioso), nos *Cantares da minha terra*, de

---

fazer, lembraria os subsídios folclóricos de Fernandes Tomaz (Beira), Abade de Baçal (Trás-os-Montes), Lopes Dias (Beira-Baixa), os Pires de Lima (Minho e Trás-os-Montes), Sousa Júnior (Trás-os-Montes), Afonso do Paço (Viana do Castelo), Cardoso Marta (Figueira da Foz e Cadaval), Pombinho Jor. (Alentejo: Portel, Reguengos, etc.), e tantos mais. Nas revistas, como *A Tradição* (Serpa), *Alto Minho* (Viana), *Lusa* (Viana), *Portugalia* (Pôrto), *Illustração Trasmontana* (Pôrto), *Portucale* (Pôrto), *Revista de Guimarães*, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* (Pôrto), *Arquivo Transtagano* (Elvas), grande colaboração folclórica apareceu sempre. Folcloristas entre os primeiros, pelo mérito de estudo e de divulgação inteligente da poesia popular, é justíssima a citação de D. Carolina Micäelis de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Cláudio Basto, Agostinho de Campos. Em monografias modernas não esquecem seus autores as quadras locais. *As Mil Trovas*, de Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, as *Cem quadras*, de Cláudio Basto, outras daqui e dali, as quadras incluidas nas *Cem melhores poesias* de D. Carolina de Micäelis, aumentam o caudal.

(1) Embora possa ter escapado alguma unidade nesta estatística, o facto não destroi a conclusão.

Mário Aldino de Spoleto, [1] não há nenhuma que se refira sentimental ou sarcàsticamente a Lisboa.

Já o Douro conta sete quadras com Lisboa à vista. Como compreender o caso aparentemente singular? Talvez por maior migração duriense, embora temporária, para Lisboa, ou evidências dos despiques do Pôrto, mais próximo, com Lisboa, mais longínqua.

Curioso, ainda mais curioso, é aparecerem apenas cinco quadras estremenhas; se tirarmosduas antoninas, ficam sòmente três com alusão lisboeta directa, duas das quais jocosas. Impressiona esta carência; talvez nos esclareça um pouco a bem conhecida quadra ribatejana, que não incluí na conta da Estremadura e nem me lembro de ter encontrado em Tomaz Pires:

Borda d'Agua, Borda d'Agua,
Borda d'Agua, Santarém,
Mais vale uma Borda d'Agua
Que quanto Lisboa tem.

As influências regionais de Santarém ao longo da ribeira do Tejo (Ribatejo), Leiria pelo Norte e Setúbal pelo Sul, chocam fortemente com as de Lisboa, mais poderosas. Dêste choque procede espiritualmente, como produto de apêgo à terra e de reacção conseqüente contra o estranho, a quadra apontada. Semelhante origem devem ter as cantigas trocistas, tanto da Estremadura como principalmente, e por circunstâncias análogas de atracção económica, social e psicológica, as do Alentejo.

Quadras, que Tomaz Pires atribui à Estremadura, sem na verdade elas deixarem de o ser, pertencem nìtidamente a Lisboa. Assim, por exemplo, são as que se referem às saloias, e as que mencionam os nomes de povoações periféricas da Capital.

Parto do princípio, fundamental, de que Tomaz Pires anotou honestamente a localização da colheita das quadras; e, além disso, admito que as não ouvisse repetidas noutros lugares, porque então o indicaria com lealdade. Também, por estatísticas obtidas em outras

---

[1] Pôrto, 1935.

colecções, chegamos à mesma conclusão; isto confirma, quanto possível, as lições deduzidas da colecção de Tomaz Pires.

Salvaguardados os êrros da contagem, mais que prováveis no exame exaustivo de dez mil quadras, ora formosas, ora pesadas, graciosas e grosseiras, leais e falsas, românticas e satíricas, mas umas após outras na pesca de arrasto de dez milhares de espécies: salvaguardados tais êrros a acrescentar às aritméticas estatísticas, que só fazem as contas à vista, a conclusão desconsoladora é esta: Portugal desconhece Lisboa.

O povo português ignora Lisboa. O povo nortenho conhece melhor o Pôrto do que o do Sul conhece Lisboa, talvez porque o Pôrto é mais atractivo e acolhedor, o que lhe dá êste cariz familiar, que nunca perdeu, e Lisboa, por universalista no passado e no presente, nunca teve e já hoje não pode ter. E talvez também porque o Pôrto é o centro comercial do Norte, cuja influência excede proporcionalmente na população mais densa e de actividade mais diferenciada, como por ter saída por lá quási toda a emigração para o Brasil, o que dá por certo importância sentimental à Cidade.

Provàvelmente, influirá em grande parte o ressentimento político ou sequer a má vontade de ordem económica, desfavoráveis à Capital, donde partem as ordens e onde convergem os dinheiros pagos por cada um. Já um adágio de António Delicado dizia: «Partilhas de Lisboa com Almada, uma leva tudo, e a outra nada». (1)

Assim, Lisboa aparece nas cantigas por que rima com boa, como Coimbra rima com linda, Cascais com ais, em cantigas de aliteração mais ou menos acentuada. Aparece também por menção de terras em orgulhos patrióticos ou bravatas de conquistas amorosas. Ou, então, amores ausentes em Lisboa, vinditas de desilusões, chascos de vencidos, impotência de graciosos.

E Lisboa merece simpatia e atracções espirituais. O que representa na realidade nacional, tem de ser valorizado na inteligencia e no sentimento do que é, e do alto significado espiritual.

Temos o aforismo, que se diz e afinal se não sente:

---

(1) Ant. Delicado, *Adágios Portugueses*, 2.ª ed., pág. 121.

Quem nunca viu Lisboa,
Nunca viu coisa boa.

Corresponde ao italiano: *Vedi Napoli, e poi muori.* Mas o nosso é um estímulo à vida e à visita a Lisboa, e apesar disso o Português morre e não vai à sua Capital.

* * *

As quadras em que Lisboa entra por aliteração da rima e por sentido topográfico, têm esquema no dístico bem conhecido:

Lisboa é coisa boa;
Coimbra é coisa linda,

que pode tomar a forma de quadra, pela divisão das rimas em dois grupos de versos emparelhados:

Lisboa
E' coisa boa;
Coimbra
E' coisa linda.

Vamos, depois, encontrar a rima «Lisboa-boa» na letra do *Vira*, igualmente simétrica da rima «Coimbra-linda»: (1)

Meninas, vamos ao *Vira,*
Que o *Vira,* é coisa boa;
Eu já vi dançar o *Vira*
A's meninas de Lisboa.

---

(1) Meninas vamos ao *Vira,*
Que o *Vira* é coisa linda;
Eu já vi dançar o *Vira*
A's meninas de Coimbra.

Na série de prova, que se segue, acomoda-se a mesma aliteração com assuntos e pretextos vários.

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de passear Lisboa;
O meu rir e o meu cantar
Não me tiram de eu ser boa.

O meu amor diz que vai
Na segunda p'ra Lisboa;
Se me leva, vou com êle,
Se me deixa, fá-la boa (1)

Vá laranja ao ar,
Que eu venho de Lisboa;
Tu não tens em casa
Uma coisa tão boa. (2)

Quem tem pessegueiro à porta,
Tem regalo e sombra boa;
Tu de bonita tens fama
Dos «montes» até Lisboa. (3)

Se ouvires tocar os sinos
Na cidade de Lisboa,
Morreu Carolina Augusta,
Que era uma moça bem boa. (4)

Almocreves, Almocreves,
Almocreves de Lisboa,

---

(1) Conhecida. Atribui-a T. Pires ao Douro, *Cantos populares*, III, 306, n.º 6813.

(2) P. Fernandes Tomaz, *Canções populares da Beira*, Coimbra, 1923, pág. 76: dá também a da rima «Coimbra-linda».

(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 232, n.º 1350.

(4) Algarve: T. Pires, *Cantos*, I, 391, n.º 2285.

Quando abalam para Abrantes,
Nunca fazem coisa boa. (1)

Lavadeira, que lava a roupa,
Ela lava a roupa boa;
Ela lava, lava a roupa,
O sabão vem de Lisboa. (2)

A saia da Margarida
De curta ficou bem boa;
O ladrão do alfaiate
Talha à moda de Lisboa. (3)

Nossa Senhora da Póvoa,
Nossa Senhora tão boa,
Chega a Vossa nomeada
A' cidade de Lisboa. (4)

As duas quadras seguintes, de Portel, completam-se para formar uma «moda» inteira, de bailar ao rodopio:

---

(1) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 129, n.º 8594. Dos almocreves de Abrantes diz outra quadra do mesmo coleccionador:

Os Almocreves d'Abrantes,
Quando andam no caminho,
Boa cama, bom pão alvo,
Melhor borracha de vinho.

(2) Fernandes Tomaz, *Canções*, pág. 223.

(3) A. Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem e toponymia de Barcellos*, Espozende, 1916, pág. 41, n.º 22; o n.º 21 dá o simile «Linda-Coimbra».

(4) Penamacôr: Adelino Cordeiro, *Etnografia da Beira*, Viana, 1937, pág. 32; e, paralelamente, na página imediata:

Nossa Senhora da Póvoa,
Nossa Senhora tão linda,
Chega a Vossa nomeada
A' cidade de Coimbra.

Ao virar da esquina,
Um dia em Lisboa,
'Stava uma menina,
Catita, bem boa.

Catita, bem boa,
Catita, bem bela;
Ao virar da esquina,
Um dia em Palmela. (1)

Na canção dialogada «Mariquinhas», de Tortozendo e Dominguizo, (Beira Baixa) já recolhidas por Lopes Dias, canta-se na terceira quadra:

Não a ter eu encontrado
Para os lados de Lisboa,
Dizendo os estudantes:
— Mariquinhas, és tão boa! (2)

Mais estribilhos de cantigas coreográficas aproveitam as mesmas rimas.

Ailé,
Lisboa, Lisboa,
Por mais um vintém
Quero coisa boa. (3)

Eu vi a dália
Lá em Lisboa;
Tão pequenina,
Era tão boa! (4)

---

(1) J. A. Pombinho Júnior, in *Arquivo Transtagano,* 4.º ano, n.º 3, 15 de Set.º, 1937, pág. 46, n.º XCIX.

(2) J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira,* Famalicão 1927, vol. II, pág. 51.

(3) Fernandes Tomaz, *Canções,* pág. 13, e a par a correspondente a Coimbra.

(4) Fernandes Tomaz, mesmo lugar, pág. 196, id. para Coimbra.

As variantes abrangem, depois de Lisboa e Coimbra, as vilas de Sintra e Cascais:

Eu vi a dália
Lá em Sintra;
Tão pequenina,
Era tão linda! (1)

Eu via a dália
Lá em Cascais;
Tão pequenina,
Já dava ais! (2)

Outra cantiga, da família folclórica de *A Dália:*

Eu vi Amélia
Lá em Lisboa;
Tão pequenina,
Era tão boa! (3)

É muito conhecida a cantiga infantil, do mesmo tipo:

O preta, ó preta,
Lá em Lisboa
Jogando as cartas
É coisa boa. (4)

Tôda a gente conhece a simpática «joaninha» de élitros vermelhos, pintalgados de preto (coleóptero, coccinela); pousa em nós, e logo lhe dizemos, ainda presos da mesma crença no nosso estímulo:

---

(1) e (2) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular português*, 2.ª ed. Lisboa, 1911, págs. 496-497.

(3) Fernando Tomaz, *Canções*, pág. 196, e com esta a respectiva de Coimbra.

(4) Também aparece «ó preto, ó preto»... e tem paralelamente a de «Coimbra-linda».

Joaninha, vôa, vôa,
Leva as cartas a Lisboa.

Completa, com o dístico apenso, a quadra deselegante:

Joaninha, vôa, vôa,
Leva as cartas a Lisboa,
Se passares pela minha porta,
Darei-te pão e cebôla. (1)

Também «Lisboa» rima com «sôa», na quadra de Proença-a-Velha:

Nossa Senhora da Granja,
O vosso sino não sôa:
Virgem, se tendes dinheiro,
Mandai vir um de Lisboa. (2)

* * *

¿Só com Lisboa, Coimbra, e secundáriamente, Sintra e Cascais, acontece isto?

A saüdosa vila de Olivença tem nas quadras do Alentejo, sua província mãi, as rimas «paciência» e «diligência», toantes, e «bença» (bênção) forma popular, que como «presença» dá consonância. Alguns exemplos, ao mesmo tempo servem de homenagem.

Tenho um lencinho encarnado,
Bordadinho à paciência,
Que me deu o meu amor,
Quando veio d'Olivença. (3)

---

(1) Barroso: Fernando Barreiros, in *Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 101, n.º 11.
(2) Beira Baixa: Lopes Dias, *id.*, II, pág. 125.
(3) Alentejo: T. Pires, *Canções*, III, 24, n.º 5139.

Tomara já que viesse
O meu amor d'Olivença,
P'ra me ajudar a levar
Esta cruz com paciência. (1)

Eu lá fui a Olivença,
Uma vez e não sei quando;
De que serve a diligência,
Em a ventura faltando! (2)

Eu lá fui a Olivença,
Andei três dias a pé;
Amor, faz diligência,
Que a falta por mim não é (3)

Vivam Campo Maior e Elvas,
Viva a vila de Olivença,
Viva também o meu amor,
Que tem tão bela presença. (4)

Ailé,
Vila d'Olivença;
Antes de cantar,
Vem pedir-me a *bença*. (5)

Ouvi na aldeia formosa de Paúl, no concelho da Covilhã, esta quadra com a rima de Pôrto-gôsto:

Meu coletinho de ramos,
Mandei-o a dourar ao Pôrto;
Deus queira que venha lindo,
E douradinho a meu gôsto.

---

(1) Alentejo: T. Pires, *Canções*, III, 353, n.º 7085.
(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 158, n.º 5935.
(3) Alentejo: T Pires, *Cantos*, III, 425, n.º 7512.
(4) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 353, n.º 9893.
(5) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 570, n.º 535.

* * *

Outras quadras mencionam indirectamente a cidade de Lisboa na evocação de S.to António:

Santo António de Lisboa,
Não tem velas no altar;
Em o Santo me casando,
Hei de lh'as lá ir levar. (1)

Santo António de Lisboa,
Não quer que lhe chamem Santo;
Quer que lhe chamem António,
General, mar'chal de campo. (2)

Santo António de Lisboa
Guardador dos olivais,
Guarda lá a minha azeitona
Do biquinho dos pardais. (3)

Santo António de Lisboa,
Guardador dos olivais,
Guarda lá o meu lindo amor,
Que cada vez foge mais. (4)

---

(1) Douro: T. Pires, *Cantos*, I, 94, n.º 551.
(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 90, n.º 528. Traz na mesma pág. a variante:

Santo António de Lisboa,
Não quer que lhe chamem Santo;
Quer que lhe chamem António
Do Divino *Espírito Santo*. (n.º 529)

(3) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, I, 95, n.º 562.
(4) Douro: T. Pires, *Cantos*, I, 96, n.º 563.

Santo António de Lisboa,
Espêlho de Portugal, (1)
Ajudai-me a vencer
Esta batalha real. (2)

* * *

Surgem várias terras a debater primazias. E' assunto aproveitado pelos cantores de despique e desafio, e nos ranchos agrícolas. Não há que estranhar encontrar Lisboa no género.

Lisboa é praça d'armas,
Coimbra é dos estudantes,
O Pôrto dos mercadores,
Vila Real dos amantes. (3)

Das cidades é Lisboa,
Das vilas é Vila Real (4)
Das aldeias Santo Amaro, (5)
Das quintas rei é Urgal. (6)

Chamaste a Abrantes vila,
A Rio-de-Moinhos aldeia,

---

(1) *Espêlho* de virtudes espirituais em que Portugal se revê, ou que sôbre Portugal reflete o Sol da protecção divina?

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 90, n.º 527. Provirá de alguma xácara seiscentista desagregada, a que pertencesse como invocação, na hora do combate ou «batalha real», no comando das tropas do rei?.

(3) A. Gomes Pereira, in *Revista Lusitana*, IX, 254, n.º 224. (Outra quadra só difere desta na rima: «estudantes — tratantes».

(4) Apesar de cidade, Vila Real por fôrça do nome será sempre vila.

(5) Santo Amaro: freguesia do concelho de Vila-Nova-de-Foscôa (Guarda). Urgal: provàvelmente na freguesia de Santo Amaro.

(6) Beira-Baixa: T. Pires, *Cantos*, IV, 303, n.º 9592.

A Lisboa arcos de prata, (1)
Onde o meu amor passeia. (2)

Se Lisboa fôra minha,
Não fôra de meu irmão,
Fizera d'Elvas Lisboa,
De Campo-Maior Marvão. (3)

Não esquecem as saloias aos que as vêem na Capital. Formam, no meio da desolação geral, que a perda de qualidades características provocou, a côr simples, lavada, pobre, única hoje, de Lisboa.

Quem me dera em Lisboa,
A' porta de uma taberna,
P'ra vêr passar a saloia
Com a saia a meia perna. (4)

A quadra, recolhida na aldeia da Rapa (Celorico-da-Beira), desenha nìtidamente dois perfis: o etnográfico, da saloia; o moral do poeta.

Referências ao traje velho da saloia, ei-las agora; são de folclore lisbonense dos arredores, ou da região mais próxima de Lisboa.

Sou saloia, trago botas,
E também trago manteu,
Também trago carapuça
Debaixo do meu chapéu. (5)

Sou saloia, trago botas,
Também trago o meu manteu

---

(1) «Arcos de prata»: aqueduto das Aguas Livres? plural aumentativo, referido ao Arco da Rua Augusta? ou Terreiro do Paço?

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, n.º 9709.

(3) Alentejo: S. Pires, *Cantos*, IV, 319, n.º 9680: vê-se que é do Alentejo.

(4) D. Maria Furtado de Mendonça, *Revista Lusitana*, XVI, 321, n.º 253.

(5) Lisboa: Teófilo Braga, *Cancioneiro pop.*, pág. 525.

Também tiro a carapuça
A quem me tira o chapeu. (1)

Outras alusões; uma em que a saloia fala de si:

Sou saloia, vendo queijos,
Também vendo requeijão,
Também falo ao meu amor,
Quando tenho ocasião. (2)

estoutra de donjoanismo barato, de beijo ao vintém:

Ó saloia, dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintém,
Os beijos de uma saloia
São caros, mas sabem bem. (3)

quadra que Teófilo Braga diz de Lisboa, e, bem se compreende dever de o ser.

* * *

O traje da saloia, a que vemos alusão nas quadras, era pitoresco e decorativo: — corpete colorido de gola revirada e mangas justas, saia erguida e enrolada à cinta, saiote de côr viva; capa ou mantéu azul, sôbre os ombros, pendente; carapuça de ponta para a testa, ponta aguçada como de prôa em riste; a prendê-la o lenço, que do soqueixo cobre a nuca, e sobe ao cocuruto da cabeça, apertando a carapuça adiante da base.

Vêmo-lo nas colecções de trajes de Macphail e outros, nas aguarelas de Roque Gameiro, Alfredo Morais e Alberto Sousa. Era assim que as saloias de em volta de Lisboa trajavam, ainda no segundo quar-

---

(1) e (2) Fornecidas pelo etnógrafo, Sr. Eng.º Guilherme Felgueiras.
(3) Lisboa: Teófilo Braga, *Cancioneiro*, pág. 526.

tel do século passado. Factores sociais, económicos, morais, destruïram a pouco e pouco as tradições de tôda a espécie, que caracterizavam o povo e lhe davam feição singular e vida própria.

* * *

As ruas de Lisboa haviam de aparecer na poesia popular:

Ó cantadeira afamada,
Já te vou tirar a prôa:
Diz-me lá, minha menina,
Quantas ruas tem Lisboa?

É, como se pressente, cantiga de desafio. Não se faça esperar a resposta. Êle provoca-a. Ela aceita a provocação.

Quantas ruas tem Lisboa,
Digo-t'as sem contar:
Tem dezoito ao comprido,
Dezanove a atravessar. (1)

Dá provas de grandeza conhecer as ruas; vá, então, de as nomear. Esta moda, de duas quadras de Reguengos, o salienta:

S'eu quisesse amar bonecos,
Mandava-os vir de'*Stremôris*.
Vergonha da minha cara,
S'eu contigo tinha *amôris!*

S'eu contigo tinha *amôris*,
S'eu era o *tê* namorado,
Mandav'-ós vir de'*Stremôris*,
Mandav'ós vir do Chiado. (2)

---

(1) *Revista Lusitana*, VI, 326: «Cantigas Geográficas».

(2) J. A. Pombinho Júnior, in *Arquivo Transtagano*, 3.º ano, 1935, págs. 60-61, n.º LI, e *Cantigas populares alentejanas*, Pôrto, 1936, pág. 51, n.º 141.

E na quadra a seguir, as «varandas verdes», não servirão de memória adulterada, talvez prova megalomaníaca, de engrandecer janelas e varandas?

Quem me dera em Lisboa,
Detrás das varandas verdes,
Para ver cravos rosas,
Alecrim pelas paredes. (1)

Quadra lisbonense é esta em que se nos fala do Campo Grande e das moças, que de madrugada vêm dos arredores, como Loures, Odivelas, etc., ao mercado e à entrega das trouxas de roupa lavada:

No meio do Campo Grande
Está uma pedra lavrada,
Onde o meu amor descansa,
Quando vem de madrugada. (2)

Talvez nesta referência do «fala-só» haja algumas ligações com a curiosa denominação da «Travessa do Fala-Só», à Glória, pertinho da Avenida:

Chamaste-me fala-só,
Oh que falsa opinião!
Estava a falar contigo,
Falando ao meu coração.

O Castelo deu azo à nota topográfica da quadra seguinte: Lisboa, Roma, Castelo:

Se Lisboa fôra ali,
E Roma atrás do Castelo,
Casava contigo, ó prima,
Só pelo bem que te quero.

---

(1) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular das Ilhas dos Açores*: Povoação (S. Miguel): *Revista Lusitana*, IV, 300, n.º 328.

(2) Estremadura: Tomaz Pires, *Cantos*, IV, 484, n.º 73.

Havia algum antigo cruzeiro de encruzilhada ou de linda eclesiástica, no alto da Rua do Patrocínio, à Estrela:

Na Rua do Patrocínio
Há uma cruz lá no cimo;
Procura a mulher bonita
Quem quiser ter bom arrimo ([1])

A relação do Limoeiro com os «ferros de El-Rei» só pode ter verdade em Lisboa. Por isso, as quadras:

As grades do Limoeiro
São vinte, que eu as contei;
Por causa duma menina,
Aos ferros d'el-rei cheguei. ([2])

Você diz: arromba, arromba;
Não se arromba sem dinheiro;
Esta noite arrombei eu
As portas do Limoeiro. ([3])

não podem deixar de aparecer nesta colecção. O mesmo nos leva a incluir a seguinte, onde há clara alusão ao abastecimento público do chafariz de El-Rei, em Alfama:

Os meus olhos se obrigaram
Ao que eu nunca me obriguei:
A dar água todo o ano
Para o Chafariz d'El-Rei. ([4])

([1]) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 402, n.º 7378.
([2]) Beira Baixa: T. Pires, *Cantos*, III, 163, n.º 5963.
([3]) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 255, n.º 9321.
([4]) Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, 3.ª ed., Lisboa, 1917, pág. 225, n.º 707.

Adeus, lugar de Lisboa,
Adeus, passeio da Trindade;
As penas que eu por ti tenho,
Deus Nosso Senhor as sabe. (1)

E' conhecida a expressão de ameaça, espanto ou refôrço, — «cai o Carmo e a Trindade»; tão a par na topografia de Lisboa estavam os dois conventos de carmelitas e trinitários, que a frase os abrangeu. Serviu-se dela o poeta popular.

Você diz que caia o Carmo,
Caia a Trindade também;
Caiam os olhos da cara
A quem me não quiser bem. (2)

O número 7 com o seu valor fatídico e com a sua contagem de amuleto abstracto, faz também plural aumentativo. Reüne os dois factores, um extrínseco e centrípeto, outro intrínseco e centrífugo. Aplicada a imagem-refôrço a Lisboa, sai-nos Lisboa com *sete esquinas*, como o «anel das sete pedras». E mais: as esquinas apontam tôdas ao Norte.

Lisboa tem sete esquinas,
Tôdas viradas ao Norte;
Esta cidade está cheia
Da fama que me poseste. (3)

Completa e confirma o sentido ideológico desta quadra, estrouta de S. Simões de Novais:

---

(1) Douro: T. Pires, *Cantos*, III, 176, n.º 6039.

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 268, n.º 6587. O Convento de Santa Maria do Carmo foi fundado por Nun'Alvares em 1398, no alto das Pedreiras do Almirante, — actualmente o *Carmo*. O da Ordem da Santíssima Trindade, simplesmente Trindade, ficava na rua que dele conserva ainda o nome e da qual vêm as designações de «Teatro da Trindade», «Ourivesaria da Trindade», etc.

(3) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular das Ilhas dos Açores*, in *Revista Lusitana*, IV, 312, n.º 503: Ilha do Pico.

Lisboa com ser Lisboa,
Tem sete portas de entrada;
Fechando-se as sete portas,
Fica Lisboa fechada. (1)

Uma quadra devia ter ficado na série das que, logo no princípio, aliteram «Lisboa com boa». Coloquei-a, porém, aqui para observar a expressão pitoresca de contracção psicológica de «Capital-Lisboa»:

Hei de mandar fazer,
Não sei se ficará boa,
Uma ponte de madeira
Na capital de Lisboa. (2)

«Capital de Lisboa» vale por «Lisboa, Capital de Portugal», ou «Cidade, capital, de Lisboa».

O provinciano vem ver Lisboa. Quem nunca viu Lisboa, — Nunca viu coisa boa». A cidade imperial atrai-o. Vê-a. Sente-a. Quantas lembranças lhe ficam! Eis as impressões imediatas:

Quatro coisas tem Lisboa
Muito à minha vontade:
A estátua, o Tejo, o rei,
E a Avenida da Liberdade. (3)

A visita deixa-lhe saudades, e as memórias evocadas, salientes, cada uma em seu objecto, são o Rei, a estátua equestre de D. José I, o Tejo magnífico, e a formosa perspectiva urbana da Avenida. E depois?

---

(1) Joaquim Pires de Lima e Fernando Pires de Lima, *Tradições populares de Entre-Douro-e-Minho*, Barcelos 1938, pág. 89. Assim, da voz popular, a «cidade das sete colinas» tem sete portas como a de Tebas, — a Tebas da *Antígona*, de Sófocles, e de *Os sete deante de Tebas*, de Ésquilo.

(2) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 318, n.º 9684.

(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 319, n.º 9689.

Não me lembrava Lisboa,
Nem que tal cidade havia;
Agora, já me não 'squece
Nem de noite, nem de dia. (1)

Um dia, a viagem inesperada surgiu no horizonte familiar, apertado e singelo. Lisboa estava no rol dos esquecidos, ou melhor no limbo do subconsciente. Conhecê-la, vivê-la, criou o estado mental, revelado pela quadra. Acontece, todavia, que outra tem Pinhel onde nesta lêmos Lisboa!

Não me lembrava Pinhel,
Nem que tal cidade havia;
Agora me não esquece,
Nem de noite nem de dia. (2)

¿Qual delas foi a influente e, por exclusão a influída? Uma é sem dúvida reflexão da outra, precisamente iguais. O que interessa agora, reduzido fica ao espírito revelado. Logo outra reage contra o estranho:

Lisboa, com ser Lisboa,
Com ter o senhor que tem, (3)
Não é terra como a minha
Para amar e querer bem.

Isto é: apesar da superioridade objectiva de Lisboa, a «parvónia» vale mais na vida subjectiva.

Borda-d'Agua, Borda d'Agua,
Borda-d'Agua, Santarém:
Mais vale uma Borda-d'Agua
Que quanto Lisboa tem.

---

(1) Serpa, Alentejo: *Revista Lusitana*, VI, n.º 102, 2.ª col.
(2) Leite de Vasconcellos, *Revista Lusitana*, XXVII, 299.
(3) Êste senhor é o Rei, senhor de Lisboa. Conferir com a anterior em que o poeta revê as quatro coisas que Lisboa tem.

Ribatejo acima, à beira do rio, a Borda-d'Agua desafia grandezas a Lisboa, e ergue presunções amigas. De uma anecdota da Beira lembrou o Dr. Leite de Vasconcellos nos *Ensaios Ethnográphicos:* «Linda terra é Lisboa, mas a Gralheira»... (1) Ao recordá-lo, ouvimos repenicar os estalinhos dos dedos em girândolas de entusiasmo.

O anseio de correr a Lisboa, a fazer vida e ganhar dinheiro com ordenados e férias, que o Douro não dá, formou a quadra:

Ó Lisboa, ó Lisboa,
Ó Lisboa, a ganhar!
Também aqui há Lisboa
P'ra quem sabe trabalhar. (2)

Quadra semelhante corre no Norte, alusiva paralelamente ao Brasil, o que não admira em zona, de emigração para lá.

. . . . . .
Também aqui há Brasil,
P'ra quem sabe trabalhar.

E' viva a ironia da quadra seguinte; exprime a emulação, a inveja, a rapacidade, que gera o ódio à vila, à cidade, por extensão maior a Lisboa.

Na cidade de Lisboa,
Quem é rico passa bem;
Assim é na minha terra,
Ou noutra qualquer também. (3)

Como o pensamento retêm a sensação da viagem de Alentejano, que regressa e passa o Tejo, di-lo a cantiga:

Quando eu vinha de Lisboa,
Deitei os olhos às barcas;

---

(1) Leite de Vasconcellos, *Ensaios,* IV, 370.
(2) Douro: T. Pires, *Cantos,* IV, 318, n.º 9682.
(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos,* IV, 218, n.º 9102.

Quem amar a dois amores,
Tem que lhes mentir nas cartas. (1)

sensação que mais tarde a imaginação e a rima convertem no assunto de poesia amorosa. Duas quadras, uma estremenha, alentejana a outra, filosofam do amor no plural:

Quem ama duas a par,
Deve ter grande talento,
Para poder arranjar
Tanta mentira a um tempo. (2)

Tu, ingrato, amas duas,
Também podes amar três;
Também podes amar quatro,
Cada uma por sua vez. (3)

A solução sugerida pela môça tem pitoresco: O egoismo deleita-a, de lembrar a sua vez, na série das amadas do ingrato; a sua hora imaginada exclue a existência das rivais.

Tenho um amor em Lisboa,
Outro em Ponte-de-Lima,
Outro em Penafiel,
Outro ainda mais acima. (4)

O enunciado não significa emulação de terras, mas vaidades do cantor minhoto.

Tenho um amor em Lisboa,
Outro na banda d'além;
Inda espero arranjar autro,
Quando fôr a Santarém.

---

(1) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 55, n.º 5324.
(2) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, III, 67, n.º 5398.
(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 119, n.º 5701.
(4) Fernando C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*, pág. 18, n.º 97

A Banda de Além será a Outra Banda; assim o diz quem o cante, estando em Lisboa: Santarém para cima e, para baixo, a Outra Banda, na margem esquerda do rio Tejo.

Continua a vanglória do conquistador anónimo; êste agora é de Lisboa ou, se de fora, conhece-lhe bem os arredores.

Tenho em amor em Belas,
Tenho outro em Queluz,
Um outro na Trafaria,
Um quarto no Bom Jesus. (1)

O quarto namoro foi buscá-lo tão longe, que denuncia necessidade de rima ou conhecimento da estampa vulgar do santuário do Bom Jesus de Braga.

Eu tenho os meus amores
Para os lados de Benfica:
É feia e trigueirinha,
Mas gosto dela, que é rica. (2)

De Lisboa será também esta quadra, tanto pela nomeação de Benfica, e T. Pires dá-a da Estremadura, como pela clara alusão utilitária da riqueza.

* * *

O namorado foi tentar a sorte em Lisboa. Assim nasceu a quadra-suspiro:

Ó Lisboa, ó Lisboa,
Terra da minha afeição,
Onde eu tenho o meu amor;
Ninguém diga que não. (3)

As cantigas apaixonadas, cheias de lamentações da ausência, cor-

---

(1) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 303, n.º 9595
(2) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 320, n.º 9697.
(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 317, n.º 9683.

tadas de ais, nervosas de rever distâncias, chamamentos de amores em Lisboa, são do Alentejo. Os amores do Norte vão para o Brasil, os do Sul vêm para Lisboa, que fica mais perto e é menor aventura para gente prática e de mais inteligente utilitarismo. Aí vai prova de marcha para Lisboa:

A cana verde no mar
Anda à roda do mato:
Hei de ir daqui p'ra Lisboa,
Aprender a calafate (1).

Os dois versos primeiros são confusos e ininteligíveis: o mar para onde o homem vai, e o mato donde sai, embrulham-se-lhe no pensamento; definem os outros dois o objectivo.

E, a seguir, os sentimentos da ausência:

Que longe que está Lisboa,
Essa pena é que é a minha!
Queria saber se morreram
Certos amores, que eu lá tinha (2).

Algumas do grupo espressivo de adeus, ó terra de...

Adeus, ó bela Lisboa,
Quem me pudera la ir,
Para matar as saudades
De quem não pode cá vir (3).

Adeus, Lisboa cidade,
Manda-me de lá um mimo:
Uma carta de meu mano,
Que é a coisa que eu mais estimo (4)

(1) Douro: T. Pires, *Cantos*, I, 344, n.º 2014.
(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 351, n.º 7073.
(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 379, n.º 7243.
(4) Alentejo: T. Pires?

Andando eu a mondar,
Um lencinho achei;
Cheio de suspiros,
Para Lisboa o mandei. (1)

Fui a Lisboa num ai,
E voltei de lá num ui;
Ninguém vai a Lisboa,
Tão depressa como eu fui (2).

O' Lisboa, ó Lisboa,
Quem te atirara dois tiros!
Fôra a pólvora de ais,
A munição de suspiros (3).

Inda que esteja o papel
A meia moeda moeda a fôlha,
Não deixarei de escrever
Para a côrte de Lisboa (4).

Cada vez que vejo ir
Passarinhos à lagôa,
Penso que são escritinhos,
Que me trazem de Lisboa (5).

Quem me dera em Lisboa,
Quem me dera agora lá,
Para alívio de uma pena
De um padeiro, que lá 'stá (6)

---

(1) Beira Baixa: J. Lopes Dias, no Suplemento «Letras e Artes» das *Novidades*, N.º 50, Lisboa, 14-VIII-938, n.º 4.

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 318, n.º 9685.

(3) O autor da quadra foi soldado: fala de tiros e de munições.

(4) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 365, n.º 7158.

(5) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 306, n.º 1786.

(6) Alentejo: Sta. Vitória do Ameixial (Estremoz): Luiz Chaves, in *Revista Lusitana*, XIX, 309, n.º 200.

Tôdas as aves têm penas,
Tôdas vão ter a Lisboa:
E só o meu coração
Tem mil penas, e não vôa ([1]).

O' amor, amor,
Mete algum empenho,
Que eu vá p'ra Lisboa;
Já de lá não venho ([2]).

Não faltam referências ao Tejo, evidentemente o rio de Lisboa e em Lisboa. Tem navios, e há na cidade colégios:

O meu amor é estudante,
Ele estuda num *colejo*;
E' para ser capitão
Duma nau, que está no Tejo ([3]).

Olha, êste ano há muito cravo,
O' Rosa, emprega-te bem;
Não te afogues em pouca água,
Que o Tejo bastante tem. ([4])

Do tempo em que da Baixa (Terreiro do Paço) ia o vapor para Belém com passageiros, como os havia pelo rio acima, e a bordo dum dêles começa a narrativa de Garrett nas *Viagens na minha terra,* e como os há para a Outra Banda, ficou o documento folclórico de Lisboa:

De Lisboa para Belém
Vai a gente no vapor;

([1]) Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas,* pág. 271, n.º 869.

([2]) Alentejo: T. Pires, *Cantos,* III, 388, n.º 7294.

([3]) Alentejo: T. Pires, *Cantos,* I, 314, n.º 1835. A referência a nau e a Colégio onde os rapazes estudavam para oficiais de marinha, lembra que possa aludir à Academia Real de Marinha, instalada no Colégio dos Nobres em 1799, e extinta em 1837.

([4]) Alentejo: T. Pires, *Cantos,* I, 314, n.º 1836.

Encontram-se meninas bonitas
Falando co'seu amor. (1)

Anotámos já quadras de povoações com emulação de primazias. Guardemos agora outros exemplos em que o desafio de vaidades localistas alude, para abater pretensas superioridades, ao «braço de mar» e aos navios que nele Lisboa tem:

Lisboa, por ser Lisboa,
E ter navios no mar,
Não é como a minha terra,
A mais linda de Portugal. (2)

Quere dizer: Lisboa, a-pesar do rio, ou do mar, com os navios, que a minha terra não tem, não chega às belezas desta, a mais linda de Portugal. E esta, que é alentejana por dentro e por fora:

Lisboa, com ser Lisboa,
Tem o seu braço de mar;
Não há terra como Moura
No reino de Portugal.

A «cantilena do marinheiro», colhida por Teófilo Braga em Colmbra, pertence ao ciclo dos Descobrimentos e à família da «Nau Catrineta». O assunto é idêntico. Na «Cantilena», o gageiro não grita que vê terras de Espanha e areias de Portugal; anuncia *terra de Lisboa:*

Perdido lá no mar alto
Um pobre navio andava.
Já sem bolacha e sem rumo,
A fome a todos matava.

---

(1) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 320, n.º 9995.
(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, I, 344, n.º 2018.
Variante: Lisboa com ser Lisboa,
. . . . . .
. . . . . .
A mais linda de Portugal.

Deitaram as negras sortes,
A ver qual dêles havia
Ser pelos outros matado
Pr'ó jantar daquele dia.

Caiu a sorte maldita
No melhor moço que havia.
Ai! como o triste chorava,
Rezando à Virgem Maria!

Mas, de repente, o gageiro,
Vendo terra pela proa,
Grita alegre lá da gávea:
— Terra, terra de Lisboa. (1)

A cantilena popular liga, na lógica da história, o pôrto de Lisboa e os episódios da época das Navegações.

* * *

Das quadras, evocativas ou sentimentais, atrás retidas, passemos agora às de intenção irónica, depreciante e vingativa. De vinte e duas reünidas, dôze são alentejanas, e conto as iguais ou de pequena variação, o que lhes dá 54,5 %; se contar apenas as que Tomaz Pires recolheu, e foram quinze, cabem ao Alentejo onze, ou a elevada proporção de 73,3 %, números que confirmam as observações feitas sôbre a maior infuência de Lisboa nas terras alentejanas. É pena que T. Pires não nos mencionasse as povoações, onde colheu as cantigas, porque veríamos a distribuïção e os focos de maior acção.

De Lisboa me mandaram
Quatro pêras num raminho;
Como eram coisas de longe,
Comeram-nas no caminho. (2)

---

(1) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular português*, págs. 525 e 526.

(2) Alentejo: Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), *Revista Lusitana*, XIX, 301, n.º 69.

De Lisboa me mandaram
Cinco maçãs num carrinho;
O ladrão do portador
Comeu-m'as pelo caminho. (1)

Uma do Sul, outra do Norte, as duas quadras aludem quási da mesma forma aos inconvenientes da distância e aos maus serviços das recovagens. Que a variedade não tem riqueza nem gentileza, mostra-o a série seguinte, sinal de desfôrço da influência atractiva e modificadora da Capital sôbre a região do Sul e sôbre o caracter dos adaptados a ela e desenraïzados da sua terra.

De Lisboa me mandaram
Quatro frades num seirão:
Frei Azeite, Frei Vinagre,
Frei Alho e Frei Pimentão. (2)

De Lisboa me mandaram
Quatro frades numa burra:
Frei Machete, Frei Viola,
Frei Guitarra, Frei Bandurra. (3)

De Lisboa me mandaram
Um guisado com seu môlho:
A costela duma pulga,
O coração dum piolho. (4)

De Lisboa me mandaram
Um presente com seu môlho:

---

(1) Minho: S. Simão Novais, Fernando C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*, pag. 34, n.º 306.

(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 233, n.º 3946. Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 31, n.º 101.

(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 319, n.º 9690.

(4) Minho: S. Simão de Novais, F. C. Pires de Lima, *Cantares do Minho*, pág. 35, n.º 307.

O coração duma pulga,
E as asas dum piolho. (1)

De Lisboa me mandaram
Um guisado com seu môlho:
O coração duma pulga,
A cachola dum piolho. (2)

De Lisboa me mandaram
As orelhas dum piolho,
Metidas dentro dum cofre
Do feitio dum repolho. (3)

De Lisboa me mandaram
Uma condeça de riso:
Um piolho c'um chocalho,
Uma pulga c'um guiso. (4)

De Lisboa me mandaram
Um macaco de presente,
C'uma fita atada ao rabo,
Fazendo festas à gente. (5)

De Lisboa me mandaram
Um lagarto de presente:
C'uma fitinha ao pescoço,
Vinha doido de contente. (6)

De Lisboa me mandaram
Uma cotovia assada,

---

(1) Vila Real: Gomes Pereira, in *Revista Lusitana*, IX, 255; n.º 246.
(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 192, n.º 3709.
(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 192, n.º 3702.
(4) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 192, n,º 3703.
(5) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 242, n.º 4001.
(6) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 199, n.º 3747.

Por fora cheia de dôce
Por dentro de marmelada. (1)

De Lisboa me mandaram
Um presente, nada mais:
O teu retrato metido
Nas *guerlas* dum bacalhau. (2)

De Lisboa me mandaram
Uma camisa bem feita,
C'o retrato do meu amor
No punho da mão direita. (3)

De Lisboa me mandaram
Quatro amòrinhas que é luto;
Meu amor, fica sabendo
Que já te não quero *munto.* (4)

De Lisboa me mandaram
Pau preto para um berço;
Agora anda na moda,
Se te vir, não te conheço. (5)

Ainda mais cantares de mal dizer e escárneo, noutro diapasão porém, do Minho, Estremadura e Douro:

As mocinhas de Lisboa
Já não sabem fiar 'stopa;
Andam pelos louceiros
A ver se a malga tem sôpa. (6)

---

(1) Minho: S. Simão de Novais, F. C. Pires de Lima, *Cantares*, pág. 65, n.º 626.
(2) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 195, n.º 3720.
(3) Beira Baixa: T. Pires, *Cantos*, IV, 259, n.º 9346.
(4) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, II, 151, n.º 3462.
(5) Trás-os-Montes: Vila Real.
(6) Minho: T. Pires, *Cantos*, IV, 317, n.º 9679.

E' minhota e bem minhota, com a malga do sarcasmo de quem come a cheirosa sôpa, migada de borôa côr de ouro.

As meninas de Lisboa
Não tomam os banhos bem;
Elas vem p'ra passear
A's praias de Santarém. (1)

Será do tempo em que de Lisboa iam pessoas rio acima tomar banhos a Santarém, quando não havia praias fluviais; ficaria mais barato, do que descer a Pedrouços, onde a Côrte aparecia; e não havia freqüência balnear nas povoaçõezinhas da beira do Tejo, hoje estendidas pela Costa do Sol algumas delas recentes. Além disso, o mêdo às águas movediças do estuário afastaria gente. A «barca dos banhos» não afoutava medrosos da água e amadores de natação. Como a quadra é estremenha, revela o facto documentado.

Lisboa, por ser Lisboa,
Também tem terras de pão:
Também tem criadas chiques,
Que dão beijos no patrão. (2)

Lisboa, por ser Lisboa,
Também tem terras de pão;
Também tem môças bonitas,
Tão claras como o carvão. (3)

Não troçam apenas das raparigas, fazem-no também dos rapazes:

Minha mãe casou-me em Braga
Com um rapaz de Lisboa;
Sapatos não os usava,
Camisa nem má, nem boa. (4)

---

(1) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 317, n.º 9680.
(2) Estremadura: T. Pires, *Cantos*, IV, 213, n.º 9079.
(3) Alentejo: T. Pires, *Cantos*, IV, 319, n.º 9 688.
Alentejo: T. Pires, *Cantos*, III, 477, n.º 7.814.

* * *

A Lisboa do Terramoto de 1755 conserva memória das cantigas do povo. Três quadras, cada uma de sua província, o denotam. A visão de Lisboa em chamas, com as águas do mar «fora do seu natural», o «mar a crescer e a tornar ao seu natural», é conseqüente.

Eu já vi Lisboa a arder,
Pedras finas a estalar,
As ondas do mar bater
Fora do seu natural (1).

Eu já vi Lisboa a arder
Pedra fina a estalar;
Já vi o mar a crescer
Tornar ao seu natural (2).

Da narração setentista de poeta anónimo, corrente após a catástrofe, terão origem as quadras, ou nascidas em lugares diferentes pela sugestão da mesma narrativa que lhes deu ar de família, ou até procedentes de transcrição e adaptação de algum passo da narrativa. Esta terceira quadra pertence à série; pode ainda provir de outro passo de narrativa, romanceada como é do género da «literatura de cordel», reflexo das xácaras e sua continuação.

Eu já vi Lisboa a arder,
As pedrinhas a estalar;
Eu já vi uma menina
Pelo seu amor chorar (3).

E, fora do comum, esta quadra de carácter festivo, suponho que saudará o termo das Guerras Liberais:

---

(1) Alentejo; T. Pires, *Cantos*, I, 320, n.º 1870.
(2) Atalaia (Pinhel): *Revista Lusitana*, XI, 129, n.º 347.
(3) Minho: F. C. Pires de Lima, *Cantares*, pág. 135, n.º 100.

Já Lisboa está cercada
De tulipas amarelas;
Já o rei subiu ao trono,
Já se acabaram as guerras.

O Rei seria, se a interpretação está certa, D. Pedro IV, na convicção do poeta.

* * *

As linhas férreas, através de Portugal, devem ter influído nas cantigas populares, quando os combóios começaram a circular. Se êles têm aproveitamento imaginativo nas quadras actuais, hoje que a novidade passou, qual não seria a sugestão provocada na primeira hora! Tomaz Pires fixou na colectânea do folclore alentejano a nota fresca da impressão causada em Elvas pela «estrada nova, aonde passa o vapor».

E' magnífica de espontaneidade e ingenuidade a forma poética, provocada pelo acontecimento nos campos, como por certo na cidade também. Os maquinistas, que experimentam as linhas novas, dão pelos «arames» do telégrafo a notícia da viagem. De Lisboa a Portugal inteiro, e de Lisboa à Barquinha por onde a «estrada nova» passa, «já lá correm os arames».

A cantiga «já lá correm os arames» é coreográfica e usada em jôgo de roda. Começa por pregunta com resposta, e desenvolve-se em forma de leixa-pren com intenção narrativa.

— Ana, Mariana, Helena,
Onde vais tu, meu amor?
— Eu vou a ver a estrada nova,
Aonde passa o vapor.

Já lá correm os arames
De Lisboa a Portugal,
E dizem os maquinistas:
Esta linha não vai mal.

Esta linha não vai mal,
Esta linha não combina,
Já lá correm os arames
De Lisboa à Barquinha. (1)

* * *

Lisboa representa ao espirito a ideia do longe. Longe por longe, é sempre longe, tanto faz que a ausência seja por muitas ou por poucas léguas. Esta quadra significa o apartamento:

O' Lisboa, ó Lisboa,
O' Lisboa, embarcar;
Coitadinho do meu bem,
Que foi para não tornar. (2)

Um apartamento que, por o ser, a imaginação faz infinito e interminável.

O Brasil está para lá de Lisboa, é por Lisboa que parte para o Brasil a gente do Centro e do Sul. E aí temos associados na ausência, na saüdade e no movimento espiritual da partida para além do mar, Lisboa e Brasil.

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me quero ir,
Numa lancha p'ra Lisboa,
Numa nau para o Brasil.

A quadra é ainda dos tempos das naus para o Brasil. A distância relativa e a facilidade de viagem para Lisboa em contraste com a transoceânica, estão indicadas na imaginação do poeta popular: a

---

(1) *Arquivo Transtagano*, I, n.º 7, p. 118.
(2) Tomaz Pires, *Cantos*, I, 317, n.º 1851.

Lisboa chega numa lancha, para êle embarcação pequena, através do Tejo, — ao Brasil, tem de o levar a nau, barco de potência e alcance.

Não pára aqui a imaginação poética. A mulher vê partir ou sabe que vai partir o namorado; êle vai a Lisboa embarcar para a Baía. Pois bem, ela manda-lhe ladrilhar o caminho com pedras de boa esquadria, isto é, com as magníficas lages das estradas romanas e das nossas ruas de bons tempos e de bom piso (1). A quadra é assim como no Alentejo a recolheu Tomaz Pires:

Mandei ladrilhar o Mar
De pedras de esquadria,
Para o Cat'rino passear
De Lisboa para a Baía. (2)

Canta Portugal inteiro a seguinte quadra da série brasílica, relacionada com a nossa forte emigração para as terras de Santa Cruz:

Se o mar tivesse varandas,
Ia-te ver ao Brasil,
Mas o Mar não tem varandas,
Diz-me, amor, por onde hei-de ir.

Compreendemos o estado de espírito que revela a cantiga. O rapaz, levado pela necessidade financeira e talvez mais pela aventura, partiu um dia para o Brasil. A rapariga enamorada, prêsa dêle como a gazela pelo deserto, pensa no emigrado lá longe, pensou sempre. Ir vê-lo? Impossível. Se pudera lá chegar caminhando as léguas separadoras, ainda o sacrifício a tentava. Sôbre o Mar, como sôbre o rio a ponte, sôbre a costa a varanda, sôbre o precipício o caminho guardado, imagina uma ponte lançada ao fôsso imenso. E exclama consigo: — Ah! Se o Mar tivesse varandas! Iria ver-te lá tão longe! Mas assim, sem

---

(1) Em Cambra, chamam «estrada romana» às ruas e quelhas lageadas.

(2) D. Maria Furtado de Mendonça, *Revista Lusitana*, XVI (1913), pág. 321, n.º 252, colhida na Rapa, Celorico da Beira.

varandas, que me dêem caminho, como de um extremo ao outro, sem estrada donde não cáia ao Mar, por onde hei-de ir?

Sente bem a tragédia daquela alma quem ler, devagar e de manhãzinha, quando o Sol desponta e parecemos mais sós no mundo, a quadra lancinante que cristalizou:

Diz-me, amor, por onde hei de ir.

O sr. Vieira Braga, na colectânea de quadras populares, referentes ao Brasil, que publicou recentemente na revista *Gil Vicente*, de Guimarães, e fazem parte do valioso estudo sôbre *O Culto de S. Gonçalo na Baía*, dá-nos variante curiosa do quarto verso da quadra transcrita:

. . . . . .
E eu a pé não posso ir. (1)

Em Barcelos corre quadra, que é filha desta, a da forma geral. Há varandas sôbre o mar, imaginadas para a viagem de amores ao Brasil. Há o desengano do sonho, não desânimo de o viver. Mas fala do regresso: ir ao Brasil e voltar.

Se o Mar tivera varandas,
Para eu ir ao Brasil e vir...
Mas o Mar não tem varandas,
Diz'-me por onde hei-de ir. (2)

Na Póvoa do Varzim a quadra virou de rumo. A rapariga iria ver o rapaz ao Pará; não tem varandas o Mar, para que ela chegue lá a são e salvo, pede-lhe que venha êle cá. Eis a solução prática da pòveira, para matar saüdades. Transcrevo a quadra do livro de Santos Graça, *O Pòveiro:*

---

(1) *Gil Vicente*, n.os 7-8, do vol. XI, Julho de 1935, em deante.

(2) A. Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem e toponimia de Barcellos*, pág. 99, n.º 330.

Se o Mar tivera varandas,
Ia-te eu vêr ao Pará;
Mas o Mar não tem varandas,
Meu amor anda tu cá. (1)

* * *

Pois bem.

Na revista *Alto Minho,* editada em Viana do Castelo, aparecida em 1935, surge dum punhado florido de trinta quadras populares do Noroeste minhoto (Santa Marta, Pêrre, Outeiro e Geraz de-Lima) a variante em que o segundo verso da quadra «Se o Mar tivesse varandas», substitui Brasil por Lisboa. O sentimento não mudou. O longe, dêsde que é longe, tanto monta com cem, mil, ou milhão de quilómetros. O longe aqui está em Lisboa. A quadra brasílica, evidentemente anterior, reflectiu nela a paisagem mental que revela.

Não maravilha o facto a quem esteja habituado a seriar cantigas populares, principalmente de tipo corográfico. Nesta que nos ocupa, vemos a origem da variante ou variantes. Nas outras não temos possibilidades de marcar a primeira, da qual provenham por adaptação tôdas as mais.

Aí val a quadra, que os olisipólogos e olisipófilos gostarão de conhecer, se a não descobriram ainda na revista, que ma revelou a mim, ou na voz do povo, reveladora para êles.

Se o Mar tivesse varandas,
Ia-te ver a Lisboa;
Mas o Mar não tem varandas,
Quem não tem asas, não vôa. (2)

O segundo verso arrastou à rima o quarto, e modificou-o por essa razão, para lhe dar lógica.

Cardoso Marta publicou o *Folclore de Cadaval;* entre as quadras das preciosa colecção está a forma local da quadra do *Alto Minho:*

---

(1) Santos Graça. *O Pòveiro*, Póvoa do Varzim, 1932, pág. 195.

(2) *Alto Minho,* n.º 2, pág. 50, n.º XVIII. J. Pires de Lima e F. Pires de Lima, *Tradições Pop. de Entre-Douro-e-Minho,* pág. 88.

Se o Mar tivesse varandas,
Fôra t'ê vêr a Lisboa;
Com'ó Mar nam têim varandas,
Sim asas ninguêim avôa. ([1])

F. C. Pires de Lima recolheu em *Cantares do Minho* ([2]) a mesma fórma da cantiga, como A. C. Pires de Lima em Santo Tirso ([3]), Afonso do Paço em Viana do Castelo ([4]), e Santos Graça em *O Pòveiro;* ([5]) Tomaz Pires recolheu-a também nos *Cantos populares,* e atribuiu-a a Trás-os-Montes. ([6])

Tomaz Pires dá-nos variante alentejana, com esta forma:

Se o Mar tivesse estradas,
Ia-te ver a Lisboa;
Mas o Mar não tem 'stradas,
E sem asas ninguém vôa. ([7])

E em Viana do Castelo canta-se esta quadra, que principia como o modêlo, e varia no segundo verso para repetir no terceiro o segundo do modêlo e levar o quarto à rima ideológica do verso novo da quadra modificada:

Se o Mar tivera varandas,
Como tem embarcações,
Ia-te vêr a Lisboa,
Em certas ocasiões. ([8])

Outra, que Tomaz Pires diz do Alentejo, serve de variante mais longínqua; só o primeiro verso apresenta identidade, embora tenha

---

([1]) Cardoso Marta, *Folclore de Cadaval*, Espozende, 1934, pág. 8, n.º 11.
([2]) *Cantares do Minho,* Barcelos, 1937, pág. 13, n.º 28.
([3]) *Revista Lusitana,* vol. XVII, pág. 307, n.º 37.
([4]) *Cancioneiro de Viana do Castelo,* Braga, 1928, pág. 243, n.º 1330.
([5]) *O Pòveiro,* Póvoa de Varzim, 1932, pág. 195.
([6]) *Cantos populares,* I, 342, n.º 2002.
([7]) *Cantos populares,* I, 341, n.º 2000.
([8]) *Cancioneiro de Viana do Castelo,* pág. 243, n.º 1329.

janelas onde a quadra modêlo tem varandas, e devamos lembrar a citada variante, alentejana também, que tem estradas por varandas; todavia, não pode negar-se a influência primordial do tipo:

Se o Mar tivesse janelas
Como tem embarcações,
Nem Lisboa me ganhava
Em certas ocasiões. ([1])

Podemos aproximá-la da variante de Viana do Castelo, cujos segundo e quarto versos, isto é precisamente os variados, são comuns, e na mesma disposição, aos desta do Alentejo, ambas claramente alusivas a Lisboa. Esta alusão comum confirma uma vez mais a legitimidade de incluir a última na mesma família folclórica.

* * *

Outro caso de reflexo folclórico está na aplicação da quadra alentejana, ideológica do clima da província além do Tejo, à paisagem de Lisboa.

O alentejano usa o grande chapeirão abado, que o protege da violência do sol. O pastor da charneca, vestido de peles de ovelha, o «pelico» ou a «pelica», e as pernas protegidas pelos «safões», igualmente de pele, tem por complemento indumentário o chapeu de grande roda. Assim preparado, e com a manta listrada ao ombro, é de facto a personagem própria e simbólica da região imensa, que vai dia a dia calcorreando com o rebanho.

Para a ligação do homem à terra ser mais perfeita, o pastor alentejano, se por fora veste peles, por dentro, na alma, traz cantigas que reflectem a païsagem e a vida no ermo; e as obras de engenho manual, que constituem a bela e sugestiva «arte pastoril», aproveitam o material à mão. Cortiça, um bocado de buxo, aloendro ou osso, o chifre do boi do matadouro, bastam para o pastor fazer obras de arte. Não faz églogas para chorar amores com os colegas; mas nem por isso

---

([1]) T. Pires, *Cantos*, I, 341, n.º 1999.

deixa de ser poeta no passar o espírito, ora delicado, ora violento, simples e infantil, ou complicado e com fumos de filósofo, para a matéria rude dos utensílios que manufactura.

O Alentejo quente e de pouca sombra, porque a terra é pouca para o trigo, e as árvores são ladras para o solo, está simbolizado à maravilha nos dois versos da quadra ilustrativa:

No Alentejo não há sombra,
Senão a que vem do céu.

Quando as nuvens toldam o sol, a sombra estende largo descanso de luz aos olhos e de calor aos nervos.

Mas a quadra vira como o vento, completando-se com ironia e galanteio:

Assente-se aqui, menina,
A' sombra do meu chapéu.

No folclore provincial há destas cantigas esquemáticas, que definem geogràficamente o homem e o meio. Esta é delas. Num museu etnográfico, onde pudessem com sofrível espaço desenvolver-se paralelamente a arte material do povo e a manifestação folclórica da sua vida espiritual, esta quadra definia com justeza o Alentejo.

* * *

Outras formas da mesma quadra:

Alentejo não tem sombra
Senão a que vem do céu;
Abrigue-se aqui, menina,
Debaixo do meu chapéu. (1)

Assenta-te aqui, menina,
À sombra do meu chapéu;

(1) Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, pág. 52, n.º 160.

O Alentejo não tem sombra
Senão a que vem do céu. (1)

Almocreve não tem sombra
Senão a que cai do céu;
Assenta-te aqui, menina,
À sombra do meu chapéu. (2)

Quero reunir-lhes duas quadras mais, também alusivas ao chapeu e ao resguardo que êle oferece, uma alentejana, outra duriense, consoante à origem anotada por Tomaz Pires:

As abas do meu chapeu
Deitam água sem chover;
Deixaste-me a mim por outra,
Inda te hás de arrepender. (3)

Ó meu amor, dá-me um lenço,
Ou compra-me um chapeu,
Que eu já não posso aturar
O calor que vem do ceu. (4)

Esta segunda, colhida no Douro, não terá influência da quadra alentejana?

* * *

Agora vamos a terras altas, de feição diferente da do Alentejo, e para cujos habitantes o clima alentejano se confunde com todo o clima do sul de Portugal. Alguém que da Beira Trasmontana viesse a Lisboa, aproveitando para a vinda a época de verão, em ano de calor intenso, notaria logo na cidade a falta de sombras. Quem viesse, viria trabalhar, talvez, ou cumprir missão que levasse a andar ao sol. Saía

(1) T. Pires, *Cantos*, I, 229, n.º 1329.
(2) T. Pires, *Cantos*, I, 229, n.º 1330.
(3) T. Pires, *Cantos*, III, 115, n.º 5673.
(4) T. Pires, *Cantos*, III, 26, n.º 5149.

de Lisboa, por essas estradas, por êsses campos fora, de trabalho ou em caminhada, e mal via árvore a que se acolhesse. As árvores desertaram.

Conhecia a cantiga alentejana. Ouvira-a nas ceifas, por exemplo, como centenas dos «ratinhos» que descem à charneca do sul. Ouvira-a e provara-a.

E se não topou em Lisboa com a estepe ou coisa parecida, sentiu a fôrça do calor e a falta da sombra. O chapéu grande também o não viu; o saloio põe na cabeça a carapuça ou barrete, que derruba ao lado, e lhe não dá sombra. Pois, a-pesar-de tudo o dessemelhante, e aproveitando a sugestão das semelhanças, surge a cantiga alentejana daquela quadra, aplicada inteirinha a Lisboa. Então a quadra alcança não só o Alentejo, mas igualmente tôdas as regiões do sul de Portugal, menos arborizadas e mais aquecidas. Ouçamos o cantor:

Em Lisboa não há sombra,
Senão a que vem do céu;
Assente-se aqui, menina,
A sombra do meu chapéu.

Foi colhida por Monteiro do Amaral em Atalaia, de Pinhel. (1)

* * *

São de vária procedência as quadras, que êstes comentários reüniram. De que idade elas vêem, não desinteressa conhecê-lo, para observação e complemento das notas que nos ofereceu. Não é difícil reconhecer que do século XVIII são poucas; muitas o assunto elucida, provêem do século XIX, e outras, a forma e a sensibilidade nos indicam como actuais ou de um momento tão próximo em tudo, que por actuais as tomamos.

Colhidas das vozes do povo, essas cantigas, velhas e modernas, mantêm no sentimento popular, que lhes dá fogo de inspiração e vida de alma, a realidade das coisas. Por isso nos servem para as apreciações formuladas.

Agôsto de 1938.

---

(1) *Revista Lusitana*, XII, 1929, pág. 296, n.º 32.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY
Los Angeles
This book is DUE on the last date stamped below.

UNIVE

DISCHARGE-URL
JUN 23 1978

REC'D URL MAY 29 2003

APR 07 2003

Form L9–75m-7,'61 (C1437s4) 444